

O SENTIDO DA VIDA

Berta Weil Ferreira*

Resumo: *Este artigo objetiva divulgar as idéias de Viktor Frankl sobre a descoberta do sentido da vida. O autor, que sofreu nos campos de concentração nazistas, aprendeu a valorizar a liberdade do espírito, quando já parecia ter tudo perdido. As idéias de Viktor Frankl são importantes para o educador, pois atribuem ao educando a responsabilidade por sua educação, mostrando o sentido de sua existência e levando-o à auto-realização.*

INTRODUÇÃO

No mundo de hoje encontramos muitas pessoas, sobretudo jovens, a quem faltam objetivos na vida. Vemos o homem desorientado, cujos atos do cotidiano perderam o seu significado e que já não age mais de acordo com a tradição, pois esta perdeu a sua relevância. Ele está mergulhado num vazio, não sabe o que fazer, nem para que fazer algo.

É o que Viktor Frankl chama de "vácuo existencial". Este vácuo existencial só deixará de existir quando for encontrado o sentido da existência.

Viktor Frankl criou a Logoterapia, que é a cura pelo sentido da vida. É uma terapia que busca devolver às pessoas a razão do seu viver. Esta razão não é dada pelo terapeuta, é a própria pessoa que precisa encontrar o sentido de sua vida para poder curar-se. Afirma Frankl: "só o homem pode levantar esta questão do sentido e pôr em questão o sentido de sua existência"(1986,p.80).

A Logoterapia busca solucionar o vácuo existencial do homem moderno, da pessoa que se encontra imersa num vazio, através da realização de valores e do encontro de um conteúdo para a sua existência.

Frankl diz: "Não faz parte da missão do médico dar sentido à vida do paciente, mas pode muito bem ser missão dele, por meio de uma análise existencial, pôr os pacientes em condições de encontrarem um sentido na sua vida" (1986,p.322).

Neste ponto o autor concorda com Gordon Allport (1967), ao afirmar que nenhum terapeuta pode curar uma fobia, uma obsessão, preconceito ou hostilidade, limitando-se a extirpar o que quer que seja. O que ele pode fazer é ajudar o paciente a aproximar-se de uma visão dos valores e de uma concepção do mundo capaz de cobrir e absorver o fator de perturbação.

* Professora da Faculdade de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Conforme Frankl, não há na vida nenhuma situação que careça de sentido. Mesmo a "tríade trágica: dor, culpa e morte" sempre pode se converter em algo positivo, se enfrentada com comportamento correto.

UM PSICÓLOGO NO CAMPO DE CONCENTRAÇÃO

A obra de Viktor Frankl é considerada por Carl Rogers como "uma das mais importantes contribuições à Psicologia, elaborada nos últimos cinqüenta anos".

Contemporâneo de Freud e Adler, professor de Neurologia e Psiquiatria na Faculdade de Medicina da Universidade de Viena, ocupa-se hoje em realizar conferências e divulgar seu posicionamento em universidades de todo o mundo.

Como judeu, durante a segunda guerra mundial, sofreu a perseguição nazista. Da sua vivência nos campos de concentração de Theresienstadt, Auschwitz, Kaufering e Türkheim (dependência do de Dachau), em que perdeu os pais e a esposa, de que escapou libertado pelos americanos aos quarenta anos, resultou o livro "Um psicólogo nos campos de concentração" e a fundamentação de sua teoria.

Analisando a vida nos campos de concentração, Frankl aponta três momentos de reação no prisioneiro: a primeira fase - a da entrada no campo, a segunda fase - a vida no campo propriamente dita, e a terceira fase - a da libertação.

A primeira fase corresponde ao choque de entrada, em que o indivíduo perde tudo o que tinha, e se desespera. Afirma Frankl: "...possuíamos apenas a nossa existência literalmente nua". (s.d.,p.24) "...e sabíamos que não tínhamos nada a perder, a não ser aquela vida tão ridiculamente nua" (s.d.,p.25). Nesta primeira fase, o indivíduo pensa em atirar-se à cerca de arame farpado, carregada de alta tensão.

Diz o autor: "Em Auschwitz, o prisioneiro que ainda se encontrava em estado de choque não temia em absoluto a morte". (s.d.,p.28). Esta fase, com o passar dos dias, transforma-se em apatia.

A segunda fase é a que ocorre durante a vida no campo, em que "a vida afetiva vai decaindo até um nível baixíssimo com regressão ao primitivismo". (1986,p. 138). A apatia, o embotamento do ânimo, a indiferença, a negligência das reações anímicas do prisioneiro no campo de concentração insensibilizam-no rapidamente contra os castigos físicos diários e constantes. Essa insensibilidade é uma couraça necessária, com a qual a alma do prisioneiro se esconde (s.d.,p.34 e 35). Todos os interesses se concentram em torno de uma única coisa: sobreviver. Pensa e fala somente em comer, dormir, banhar-se - coisas que faltam na sua vida atual - coisas da mais pura e vital autoconservação.

Frankl relata que "o prisioneiro sonhava com pão, pastelões, cigarros e um bom banho quente de imersão. Satisfazia em sonhos as necessidades mais primitivas. O efeito de tais sonhos sobre o sonhador, quando regressava à realidade da vida do campo, em face do terrível contraste entre a ilusão do sonho e a realidade, era verdadeiramente trágico". (s.d.,p.40).

O prisioneiro vai mergulhando num adormecimento cultural. Segundo Frankl, "com o tempo, toma-o a sensação de ser estranho ao mundo que está do lado de lá do arame farpado. Através do arame farpado, vê os homens e as coisas que estão lá fora, como se não fossem deste mundo, ou melhor, como se ele já não pertencesse ao mundo, como se para o mundo já tivesse partido. O mundo dos não encarcerados afigura-se-lhe tal como o veria porventura um morto, do Além: irreal, inacessível, impossível de alcançar - fantasmal". (1986, p. 143).

Esta situação traz consigo a vivência da falta de futuro. As pessoas agem como se já estivessem mortas, como se fossem cadáveres vivos. Caem numa sensação de vazio, de falta de sentido da existência, dominadas pela "sensação de que já não tinham nada a esperar da vida". (op.cit.,p.146).

A terceira fase é a da libertação. A desopressão repentina, o desafio da pressão anímica acarreta um perigo. Pois, a princípio, a libertação parece ao prisioneiro um sonho em que não quer acreditar, por ter sido tão sonhado. Mas, a certa altura, não consegue compreender como foi capaz de sobreviver à prisão. Encontra-se "opresso por uma espécie de sentimento de despersonalização. Não consegue ainda alegrar-se, pois já o desaprendeu". (op.cit,p.147).

Só depois será tomado por um sentimento de que, após todo o sofrimento, nada mais tem a temer. Compreende que, por ter sobrevivido a um ambiente tão terrível, restou-lhe a derradeira liberdade, que conseguiu configurar-lhe a existência. "A vivência do homem que regressa ao lar é coroada pela inefável sensação de que, depois de tudo o que sofreu, já não precisa temer a ninguém neste mundo - exceto a Deus". (s.d.,p.110).

O SENTIDO DA VIDA

Para Frankl, o homem é uma unidade apesar da pluralidade. Afirma: "...a síntese da existência humana é a coexistência da unidade antropológica com as diferenças ontológicas, dos modos de ser humanos, unos com as espécies de ser diferenciáveis em que aquela toma parte." (1986,p.42).

Sara L. Escalona (1983,p.20) aponta, entre os inúmeros modos da fenomenologia do homem, as características de ser questionador;

projetar, prever e orientar os destinos da humanidade; ser criativo e inteligente. É também um ser que se relaciona; interroga a realidade e é eternamente insatisfeito. É um ser que tem expectativa do futuro, tem esperança e intencionalidade - porque é livre.

É esta também a concepção de homem de Viktor Frankl. Um homem que se relaciona, que faz a história, que é eternamente insatisfeito, mas capaz de esperar. Que se questiona sobre o "sentido da vida", não como expressão do que tenha de doentio, mas antes de mais nada, como "expressão do mais humano que há no homem". (1986,p.56).

Durante o tempo em que esteve no campo de concentração, Frankl vivenciou uma realidade em que devia decidir entre submeter-se ou não se submeter aos poderes do ambiente, que ameaçava roubar-lhe a liberdade interna. Mas esta liberdade e dignidade o homem as conserva, mesmo na situação mais trágica. Ele observou que, se a vida deve ter um sentido, também a dor, necessariamente, o tem.

Na dor, no sofrimento, o ser humano pode continuar lutando pela vida, com coragem, com valentia, mostrando-se digno deste sofrimento. Ou então, acovardar-se, transformar-se em elemento de um rebanho, esquecendo a sua condição humana.

Durante a vivência no campo de concentração, Frankl compreendeu que "o sofrimento constituía uma missão cujo sentido não podia ser ignorado" (s.d.,p.94), pois tudo o que se viveu, ninguém pode roubar. E Frankl afirma: "não só aquilo que vivemos, como o que realizamos, tudo quanto de grande pensamos e sofremos, tudo isso foi por nós posto a salvo e de uma vez para sempre, quando o tornamos realidade. E embora se trate do passado, é precisamente neste passado que a nossa vida ficou assegurada para toda a eternidade, porque ser passado é também uma forma de ser e talvez a mais segura" (s.d.,p.99).

AS CATEGORIAS DE VALORES

O sentido da vida se afirma através da realização de valores.

Para Frankl existem três categorias de valores. Aqueles que se realizam mediante um ato criador, são os valores criadores. São os que se expressam através da obra de arte, cuja realização é sempre um ato criativo.

Os que se realizam na experiência vital, são os valores vivenciais. Estes valores se realizam, por exemplo, quando um aficionado de música ouve a sinfonia predileta ou quando o alpinista consegue escalar uma montanha e vislumbrar um panorama inesquecível.

Mas existem também os valores de atitude, cuja realização se mede pela maneira como o homem se comporta numa limitação de sua vida.

A possibilidade de realizar os valores de atitude se verifica quando a pessoa está numa situação em que nada mais pode fazer do que suportá-la e aceitá-la.

Tudo depende de como suporta e aceita.

Trata-se de atitudes como a valentia no sofrimento, a dignidade na ruína e no malogro.

“Mesmo que o homem esteja numa situação terrível, em que a possibilidade de realização de valores de atitude seja limitada, a realização de valores de atitude sempre continua possível. E, através dela, a vida do homem conserva o seu sentido até o último suspiro” (1986,p.83).

CONCLUSÃO

Ao contrário de Freud, para quem a força motivadora estava na vontade de prazer; e de Adler, para quem esta força estava na vontade de poder; Frankl acredita que a força motivadora do homem está na vontade de sentido. Pode ser expressão do que o homem tenha de doentio, mas é expressão do ser humano - “expressão, precisamente, do que de mais humano há no homem”. (1986,p.56). Segundo o autor há o “fato de que o homem, no fundo, sempre aspira encontrar um sentido para a sua vida e atingir plenamente este sentido, realizando-o”. (1986,p.322).

Este sentido precisa ser descoberto por cada um, pois ele é próprio de cada um. É subjetivo e, ao mesmo tempo, é relativo. Subjetivo, porque não há um sentido para todos, mas um sentido para cada um dos outros. E em relação à pessoa, é relativo à situação em que a pessoa se insere e se realiza. Já que a situação é única para a pessoa que a vive, o sentido também é único - só a pessoa pode percebê-lo, apreendê-lo e realizá-lo.

Esta realização se dá através da liberdade e da responsabilidade.

Para o educador, as idéias de Frankl, mais do que uma Logoterapia se constituem numa Logoteoria. Atribuir ao aluno a responsabilidade por sua educação, como pessoa consciente do sentido de sua existência, não será tarefa fácil, porém produtiva e compensadora.

E à medida que atinge o sentido de sua vida, o educando pode chegar à auto-realização. O sentido será o guia da existência, de uma existência livre e responsável. Este sentido deverá ser encontrado pelo

próprio aluno, a fim de que possa caminhar livremente em direção à auto-realização.

O educador deverá levar o aluno a construir o seu futuro baseado no sentido de sua vida. Isto não significa que deva libertar-se de todo o seu passado. O passado é válido como história pessoal, como fonte de experiências próprias. Mas é para o futuro que se educa. E este futuro será continuação do presente, no momento em que o presente adquire o verdadeiro sentido da vida.

BIBLIOGRAFIA

ALLPORT, Gordon. *Personalidade*. São Paulo, Ed. EPU, 1967.

ESCALONA, Sara Lopez. *Antropologia e Educação*. São Paulo, Ed. Paulinas, 1983.

FANKL, Viktor. *Psicoterapia e sentido da vida*. São Paulo, Ed. Quadrante, 1986.

FRANKL, Viktor. *Um psicólogo no campo de concentração*. Lisboa, Ed. Aster, s.d.